

FONTES ORAIS E ESCRITAS

Algumas reflexões

Telmo Marcon*

As pesquisas de história oral¹ multiplicam-se e tomam diferentes rumos. Em parte, essas diferentes tendências decorrem das concepções de conhecimento histórico e do papel das fontes orais na pesquisa. No presente texto, pretende-se aprofundar algumas questões que envolvem e perpassam as tensões entre as fontes orais e as fontes escritas na construção do conhecimento.

Amado e Ferreira (1996, p. 12) resumem em três as principais posturas sobre o *status* da história oral: "a primeira advoga ser a história

* Professor, pesquisador e coordenador do mestrado em Educação da Universidade de Passo Fundo, Doutor em História Social pela PUC/SP.

1. É problemática a expressão história oral, visto que num sentido estrito não há história oral alguns chegam a afirmar que ela não existe. O que existe é a perspectiva da produção de fontes orais.

oral uma técnica; a segunda, uma disciplina; a terceira, uma metodologia”². Ao detalharem cada uma dessas posturas dizem que a primeira tendência privilegia aspectos técnicos do trabalho com fontes orais, incluindo os processos de entrevista, de gravação, de arquivamento do material etc. A segunda postura defende que a história oral produziu novas técnicas, procedimentos metodológicos e conceitos peculiares que lhe dão uma identidade própria, constituindo-se numa disciplina e num campo peculiar do conhecimento. Na terceira perspectiva, a história oral é pensada como uma metodologia que não pode ser desvinculada de um campo mais amplo e complexo do conhecimento histórico e que necessita do apoio de procedimentos teóricos e conceituais da própria história.³

Essas diferentes posturas dentro da história oral revelam uma parte da problemática. No bojo dessas perspectivas emergem outras tensões motivadas, em grande parte, por distintas tendências teóricas e epistemológicas existentes no interior da própria investigação histórica. Nesse sentido, não dá para separar a história oral

2. AMADO e FERREIRA, 1996.

3. Idem, *Ibidem*, p.12-16

do campo mais amplo de reflexões e de procedimentos inerentes a produção do conhecimento histórico.

Nos últimos anos foram formuladas várias e contundentes críticas à concepção e postura positivista de conhecimento histórico. Além das críticas aos pressupostos teóricos e à epistemologia positivista, oriunda das ciências naturais, questiona-se radicalmente a concepção de fonte de pesquisa e a forma como elas são utilizadas. Concebidas como dados objetivos e confiáveis, privilegiam-se as fontes escritas e as estatísticas. Do ponto de vista formal é praticamente impossível sustentar, na atualidade, a concepção positivista de pesquisa e de conhecimento histórico. Na realidade, mesmo que os discursos não explicitem esses pressupostos, eles permeiam muitas práticas de investigação, mesmo as que utilizam fontes orais. Na medida em que não há uma nova concepção de conhecimento dando sustentação aos procedimentos da produção das fontes orais, as mesmas também podem ser tomadas como dados e sacralizadas como tal.

O objetivo do presente texto não é aprofundar as críticas às concepções positivistas de ciência e de conhecimento, na medida em que elas são tomadas como pressuposto. Pretende-se, mesmo que de forma breve, refletir o papel e a relevância das pesquisas com fontes orais para

repensar o papel das próprias fontes escritas, seus processos de constituição e as subjetividades que elas também carregam.

Existe ainda muita resistência no reconhecimento da história oral e o seu desenvolvimento é lento e difícil. Ainda persistem muitas resistências em reconhecê-la, em parte, pelos questionamentos sobre a falta de objetividade. As fontes orais, por serem resultantes de um trabalho da memória, não teriam estatuto e legitimidade como fontes de pesquisa. Muitas dessas críticas, no entanto, são reavaliadas na medida em que as experiências de pesquisa que se utilizam dessas fontes ajudam a desconstruir essas interpretações equivocadas. O que se tem observado é que muitas dessas pesquisas estão dando uma contribuição decisiva para questionar as fontes escritas e, por conseguinte, ajudando a relativizar determinados procedimentos na produção do conhecimento. O que precisa ser questionada é a natureza específica da memória ou das memórias, sejam elas escritas ou orais. O próprio documento escrito, fonte tão idolatrada pelos positivistas, precisa ser trabalhado enquanto produção histórica que reflete interesses políticos e valores que também estão permeados de subjetividade.

As discussões sobre a natureza da memória é central na história oral. Em primeiro lugar, é profundamente equivocada a concepção de que a memória é um *armazém* onde ficam abrigadas

informações. Na realidade, ela elabora e reelabora experiências significativas no espaço e no tempo e ressignifica as experiências vivenciadas, tendo sempre como referência um tempo presente. É por isso que pessoas que tomaram parte dos mesmos processos e acontecimentos reconstroem suas memórias de um modo próprio. Portanto, longe de fornecer *dados*, expressão muito cara aos positivistas, a memória possibilita reler o passado de diferentes ângulos, evidenciando como as fontes são construções históricas produzidas por determinados sujeitos em detrimento de outros. Na memória privilegiam-se alguns aspectos e questões e negligenciam-se outros.

No desenvolvimento de algumas pesquisas com fontes orais, pode-se observar que o ato de dar voz a determinados grupos sociais e pessoas que ficaram à margem dos processos e das tradições que se consolidaram enquanto dominantes, ajuda a reler toda a história. Esse trabalho de desconstrução de interpretações dominantes e *mitos* construídos por grupos sociais ou instituições, sejam elas governamentais, dos grupos dominantes ou mesmo de trabalhadores,⁴ ajuda a reinterpretar

4. É importante observar que mesmo entre os grupos e movimentos populares há uma tendência de produzir determinadas interpretações que são consagradas como as verdadeiras. As dissidências são, em geral, mal vistas.

o passado de forma mais ampla e complexa, apreendendo as tensões, os conflitos e as contradições inerentes aos processos. As memórias subversivas, no sentido etimológico de fazer verter de baixo para cima, possibilitam questionar interpretações homogeneizadoras que universalizam procedimentos e determinadas leituras.

Dar voz às memórias, de modo especial àquelas dos grupos que não tiveram uma posição ou uma participação hegemônica nos acontecimentos históricos é fundamental por várias razões: dá condições para situar diferentes posturas, ou seja, as leituras plurais dos acontecimentos; romper com as interpretações lineares dos fatos; recolocar no cenário da história os diferentes sujeitos, projetos, valores e interesses; superar a concepção de que os grupos subalternos são passivos diante da ação dos grupos dominantes etc. Várias pesquisas realizadas dentro dessa perspectiva, entre elas pode-se mencionar a de Alistair Thomson com os soldados australianos que participaram da primeira Guerra Mundial e a de Alessandro Portelli sobre o papel da Resistência aos nazistas na segunda Guerra⁵. Esses autores ajudam a pensar nas tensões internas e nas dissidências das

5. PORTELLI, apud FERREIRO, 1996.

memórias que, por vezes, permanecem silenciadas por muitos anos e irrompem quando encontram condições e respaldo. A contribuição que eles dão vai no sentido de fazer irromper as *memórias silenciadas* e ajudam a questionar as interpretações que se tornaram dominantes no campo das pesquisas e da historiografia. Há uma reavaliação profunda da documentação e das próprias interpretações consagradas com a contribuição dos novos enfoques e elementos emergentes a partir do trabalho com a memória.

A pesquisa que desenvolvi para a tese de doutorado⁶ com os caboclos na região do Goio-Ên (SC), também foi uma importante experiência pessoal de trabalhar com as *memórias* dos entrevistados e de poder perceber como elas fornecem elementos importantes para repensar as interpretações produzidas pelos grupos dominantes que se cristalizaram na região. Nesse trabalho foi possível identificar elementos fundamentais que as memórias explicitaram e que ajudam a problematizar acontecimentos históricos, experiências de luta e resistência, vivências de trabalho e práticas de religiosidade. Feito esse trabalho, concluí que a grande contribuição da história oral não está em si

6. MARCON, 1999.

mesma, mas na produção das fontes de pesquisa num processo de parceria com os entrevistados, fato que aproxima e leva o pesquisador a compartilhar dos dramas presentes e passados e também acompanhar o processo de construção dos documentos da própria pesquisa. Lendo e relendo as entrevistas transcritas fui identificando questões e problemas que sistematicamente me remetiam para uma análise crítica de alguns textos produzidos sobre a região que exaltam os colonizadores e os desbravadores como sendo os verdadeiros sujeitos inauguradores da *história da região* e praticamente ignoram a presença de tantos outros grupos étnicos e culturais. Em grande parte desses trabalhos a leitura da história passa pelos conceitos de progresso, desenvolvimento, modernização etc. Felizmente já estão se multiplicando também trabalhos de outra natureza que ajudam a reavaliar o processo histórico, rompendo com a linearidade temporal. As distintas memórias que ficaram silenciadas por tantos anos, afloram quando são dadas as condições efetivas para tanto. Elas permitem questionar que fontes de pesquisa serviram de referência para a exaltação da região? Como esses pesquisadores produziram suas fontes e reflexões? Quantas delas deram voz também à memória dos grupos populares?

A partir do trabalho com fontes orais, foi possível investigar as transformações que ocorreram na cultura dos caboclos, que se intensificou, principalmente, com a expansão da colonização e do setor madeireiro no Oeste catarinense e a conseqüente destruição das matas, referência fundamental para os próprios caboclos. As entrevistas deram condições para os caboclos reconstruírem suas experiências, articulando as vivências passadas com as práticas sociais emergentes. O questionamento que me incomodava era de como investigar a cultura de um grupo que não produziu documentos escritos? Partindo do pressuposto que esses sujeitos fizeram história, o desafio estava em como reconstruí-la? Alguns autores, entre eles Hobsbawm, ajudaram a pensar na difícil tarefa de pesquisar a história dos grupos que não conquistaram uma posição histórica hegemônica. É o próprio Hobsbawm (1990) que diz:

Na maior parte dos casos, o historiador da história feita pelo povo encontra apenas o que procura, não o que já está à sua espera. A maioria das fontes desse tipo de história foi reconhecida como tal apenas porque alguém fez uma pergunta e, em seguida, garimpou desesperadamente à procura de uma maneira - qualquer maneira - de respondê-la (Op. cit., p. 9).

A pesquisa andou por essas trilhas. Não havia fontes de pesquisa à disposição do pesquisador. Foi necessário insistir na possibilidade de reconstrução das experiências

históricas dos caboclos na região e a partir dali questionar pelas possibilidades de construir as próprias fontes. Nesse processo foi ficando cada vez mais evidente que não basta reconhecer a complexidade das fontes de pesquisa, mas é preciso criar as condições para que elas possam ser produzidas e trabalhadas de tal forma que permitam chegar às experiências vivenciadas. Esse processo exigiu, além de procedimentos técnicos de entrevistas e transcrição das mesmas, a incorporação de outros procedimentos teóricos e metodológicos que são próprios do campo de investigação da história. Assim, foi ficando cada vez mais clara a idéia de que a história oral é uma metodologia, no sentido pensado por Amado e Ferreira, que possibilita a produção de fontes de pesquisa que devem ser inseridas num contexto mais amplo de conhecimento histórico. O cruzamento das entrevistas com outras fontes de informações escritas é fundamental, não no sentido de confirmar ou não informações, mas enquanto possibilidade de aprofundar o próprio trabalho da memória na reconstrução das experiências.

O trabalho de entrevistas e de produção de documentos foi um grande aprendizado, na medida em que permitiu aprofundar algumas reflexões e fazer uma nova experiência com as fontes orais, distinta de procedimentos utilizados em outras pesquisas nas quais as entrevistas

eram concebidas enquanto fornecedoras de informações *objetivas*. Dentro dessa nova perspectiva, as fontes oraís são concebidas enquanto reveladores de significados, dimensão muito distinta daquela que concebia as entrevistas como *fornecedoras de informações em si mesmas*.

O trabalho de construção das fontes oraís possibilita acompanhar a construção das próprias fontes e, nesse sentido, abre novas perspectivas de investigação, pois, além de criar condições para repensar a construção do conhecimento,⁷ explicita outros elementos subjacentes ao processo envolvendo a dimensão política, os valores em disputa, as relações entre o entrevistador e os entrevistados, o trabalho da memória na reconstrução das experiências etc. O trabalho do historiador torna-se, desse modo, mais dinâmico e humano, permitindo aproximar duas dimensões trabalhadas que são, em geral,

7. O trabalho de pesquisa desenvolvido por Ferri sobre o movimento dos Monges do Pinheirinho (RS) ocorrido no início do século XX ajuda a entender a importância de trabalhar com as memórias e a necessidade de desconstruir as interpretações que legitimam as práticas dominantes. Ele sintetiza sua posição de pesquisador dizendo: "a nós cabe a missão de apresentar os dados concretos, baseados em farta documentação que possuímos e consultamos, incluindo depoimentos pessoais de participantes diretos dos acontecimentos, o que se nos assegura real e comprovado, para dar uma visão ampla e concisa dos fatos..." (FERRI, 1975). Os depoimentos que ele faz referência são de colonos, adversários dos caboclos.

dicotomizadas: as experiências vivenciadas e os seus significados.

Uma outra função importante das fontes orais é a possibilidade de questionar as abordagens que universalizam situações peculiares. É próprio das abordagens universalizantes identificarem como sendo *memória coletiva* o que, às vezes, é próprio dos grupos dominantes e que se pretende universal. As fontes orais quando utilizadas de forma acrítica, também podem servir de justificativa para determinadas posturas particulares que são universalizadas ou, no seu oposto, fragmentadas e descontextualizadas, impedindo a apreensão das experiências enquanto produzidas socialmente. São, portanto, dois os riscos mais evidentes: universalizar o particular ou fragmentar o particular descontextualizando-o de um quadro mais amplo das relações histórico-sociais.

O desafio do trabalho com fontes orais está na possibilidade de apreender as tensões entre os grupos sociais e os sujeitos individuais nos contextos em que elas são produzidas. As fontes orais fornecem, potencialmente, elementos que permitem de uma forma muito mais orgânica apreender as dinâmicas dos grupos e dos sujeitos em seus fazeres, valores, normas, comportamentos etc. Para tanto, é imprescindível um mínimo de distanciamento metodológico entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa como

forma de evitar homogeneizações de falas particulares como se fossem *identidades coletivas*, perdendo-se de vista as tensões e os conflitos subjacentes às próprias falas. Explicitar os conflitos e as tensões inerentes às práticas dos grupos populares não significa desqualificá-los, mas trabalhar com a complexidade da realidade social.

Para a superação dos limites da concepção de memória coletiva, Fentress e Wickham propõem o conceito de *memória social*, procurando dar conta da subjetividade e também das relações dos grupos sociais, apreendendo, desse modo, a sua dimensão social. O fato de alguns grupos sociais, ou mesmo das pessoas individualmente, privilegiarem certos aspectos em suas falas, indica que as suas memórias reconstróem o passado e elegem aspectos mais significativos.

O que geralmente falta é a noção da particular natureza da memória como fonte. O que define a história oral e a coloca à parte dos outros ramos da história é, afinal, o fato de se assentar na memória e não em outros textos (FENTRESS e WICKHAM, 1992, p. 14).

A articulação entre as dimensões social e pessoal da memória é, também, objeto das reflexões de Portelli (1997, p. 16), para quem

(...) a memória pode existir em elaborações socialmente estruturadas, mas apenas os seres humanos são capazes de guardar lembranças. Se consideramos a memória um processo, e não um depósito de dados, poderemos constatar

que, à semelhança da linguagem, a memória é social, tornando-se concreta apenas quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas. A memória é um processo individual, que ocorre num meio dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados.

O trabalho com a memória ajudou a apreender a complexidade das práticas sociais e criou condições para romper com os reducionismos e dicotomias que concebem a cultura como algo exterior das práticas dos sujeitos ou como mera expressão espiritual (subjetiva). Dessa forma, foi possível pensar de forma articulada as práticas sociais e os *modos de vida*, como diz Williams:

Assim as possibilidades totais do conceito de cultura como um processo social constitutivo, que cria modos de vida específicos e diferentes, que poderiam ter sido aprofundados de forma notável pela ênfase no processo social material, foram por longo tempo irrealizadas, e com frequência substituídas na prática por um universalismo abstrato unilinear (1998, p.277-296).

Ao pensar a cultura enquanto *modos de viver* houve uma aproximação com a noção de *experiência*, no sentido proposto por Thompson, de que ela é gerada no interior das práticas e da vida material. Ao aproximar *cultura e experiência*, Thompson diz estar propondo um outro *ponto de junção*, considerando que as pessoas realizam experiências enquanto

(...) sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valores ou na arte e convicções religiosas. Essa metade da cultura (e é uma metade completa) pode ser descrita como consciência afetiva e moral (THOMPSON, 1981, p. 189).

As contribuições de Thompson e de Williams são, portanto, fundamentais para pensar a cultura enquanto modos de viver assentados nos costumes que, por sua vez, estão imbricados às condições de sobrevivência. É esta a perspectiva seguida por Thompson quando diz: "o que eu examino é a dialética da interação, a dialética entre economia e valores. Esta preocupação se encontra em todo meu trabalho histórico e político" (1989, p.317). É no horizonte dessas discussões e proposições que a cultura ganha significado no contexto das relações sociais ou, como diz Fenelon (1993, p.89), "a cultura não está localizada fora da sociedade como um todo, como um campo das sete artes e da abstração".

As fontes orais possuem um grande potencial que abrem novos horizontes de interpretação. Além dos aspectos já assinalados pode-se pensar ainda nas relações entre a cultura e a natureza, ou seja, entre os modos de vida e o espaço. A forma dicotômica como esta questão é, em geral, abordada nos leva a pensar na clássica divisão entre *sujeito e objeto*, própria de uma epistemologia que se tornou hegemônica

no desenvolvimento da ciência moderna. Esse modelo ampara-se numa ruptura epistemológica entre a razão e as experiências vivenciadas, concebidas como constitutivas do senso comum e, portanto, opostas à ciência. As reflexões de Santos, entre outros, nos faz repensar nesta relação, visando a superação da dicotomia entre sujeito e objeto que, em última instância, opõe ciência e subjetividade.

O trabalho com fontes orais possibilita superar essa dicotomia entre a subjetividade e a objetividade no conhecimento. Portelli, no texto: "A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais", aprofunda esta discussão, criticando os que dizem que a subjetividade é "um elemento incontrolável, irreconhecível e idiossincrático"⁸ e traz importantes contribuições no sentido de afirmar positivamente a subjetividade, relativizando as pretensões de objetividade. Na medida em que de uma entrevista resulta um texto, este torna-se expressão do individual e do social. Por isso, diz Portelli,

*(...) é possível, através dos textos, trabalhar com a fusão do individual e do social, com expressões subjetivas e práxis objetivas articuladas de maneira diferente e que possuam mobilidade em toda narração...*⁹

8. PORTELLI, 1996, p.62.

No decorrer da construção das fontes de pesquisa e do trabalho de reflexão, procurou-se aprofundar as relações entre a cultura e a natureza e as suas transformações no tempo e espaço. O que se evidenciou foi que a cultura cabocla está profundamente articulada e vinculada ao espaço o que nos levou a pensar efetivamente em *modos de vida*. Enquanto os referenciais teóricos e metodológicos primarem por aspectos fragmentados e parciais das experiências, dificilmente se chega a compreender as experiências vivenciadas em contextos de totalidade. O trabalho, os mutirões, as festas populares, os bailes, a religiosidade, tudo está articulado e constitui a cultura dos caboclos. Evidentemente que esses processos se complexificam na mesma medida em que se processaram as transformações na região no contexto de expansão da colonização e das madeireiras. Hoje essas mudanças incluem outros elementos e valores articulados com a expansão do modelo de desenvolvimento e com os novos valores e necessidades emergentes.¹⁰

9. Id, *ibid*, p. 64.

10. Ver THOMPSON, Edward P. "La economía moral de la multitud", in: THOMPSON, E. P. *Tradición, revuelta y consciencia de classe: estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial*; ver também Stuart Hall quando diz que durante a formação capitalista se trava uma luta cotinuada em torno da cultura do povo trabalhador, operários e pobres. "Este fato tem que ser o ponto de partida de todo o estudo,

A partir dessas rápidas reflexões gostaria de retomar a idéia central do texto que é a tensão entre as fontes orais e as escritas. Essa tensão não é facilmente resolvida, mas as experiências de pesquisa com fontes orais estão dando condições para questionar determinadas posturas que exaltavam as fontes escritas como sendo portadoras de objetividade e condição de cientificidade. Essa objetividade não existe em nenhuma das fontes. As fontes orais estão ajudando a apreender os processos históricos na perspectiva dos diferentes sujeitos sociais, mesmo aqueles que não escreveram sua história. Tudo isso enriquece a própria investigação histórica. No entanto, há que se cuidar para não individualizar as experiências particulares e nem idolatrá-las como coletivas. Há que se ter o cuidado para não fragmentar as experiências e nem cair num universalismo abstrato e vazio.

Referências Bibliográficas

- AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos & abusos da história oral*, p. XII.
- FENELON, Déa Ribeiro. "Cultura e história social: historiografia e pesquisa". *Projeto História*. História e Cultura. São Paulo, n. 10, p. 73-90, dez. 1993.
- FENTRESS, James e WICKHAM, Chris. *Memória social: novas perspectivas sobre o passado*. Lisboa: Teorema, 1992.

tanto da base como da transformação da cultura popular" (HALL, Stuart. Notas sobre la desconstrucción de lo 'popular', in: SAMUEL, Raphael (org.). *Historia popular y teoria socialista*, p. 93).

- FERREIRO, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996
- FERRI, Gino. *Os monges do Pinheirinho*. Encantado: Gráfica Encantado, 1975.
- HALL, Stuart. "Notas sobre la desconstrucción de lo 'popular' ". In: SAMUEL, Raphael (org.). *Historia popular y teoria socialista*. Barcelona: Grijalbo, 1984.
- HOBBSAWM, E. J. "A outra história - Algumas reflexões", in: KRANTZ, Frederick (org.). *A outra história: ideologia e protesto popular nos séculos XVII a XIX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- MARCON, Telmo. *Memória e cultura: modos de vida dos caboclos do Goio-En*. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em História da PUC. Tese (doutorado), 1999.
- PORTELLI, Alessandro. "A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes oraís". *Tempo*. Niterói, v. 1, n. 2, p. 59-72, dez./1996.
- PORTELLI, Alessandro. "Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral". *Projeto História: Ética e História Oral*, São Paulo, v. 15, p. 19-25, abr./1997.
- PORTELLI, Alessandro. "O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de julho de 1944): mito, política, luto e senso comum". In: FERREIRO, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 103-130.
- SANTOS, Boaventura. *Introdução a uma ciência pós-moderna*.
- THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- "Una entrevista com Edward Thompson, in: THOMPSON, E. P. *Tradicón, revuelta y consciencia de classe: estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial*. 3.ed. Barcelona: Crítica Grijalbo, 1989.
- "La economia moral de la multitud", in: THOMPSON, E. P. *Tradicón, revuelta y consciencia de classe: estudios sobre la*

crisis de la sociedad preindustrial. 3.ed. Barcelona: Crítica Grijalbo, 1989.

THOMSON, Alistair. "Quando a memória é um campo de batalha: envolvimento pessoais e políticos com o passado do Exército Nacional". *Projeto História. Cultura*

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*, p. 25. e *Trabalho*, São Paulo, n. 16, p. 277-296, fev. 1998